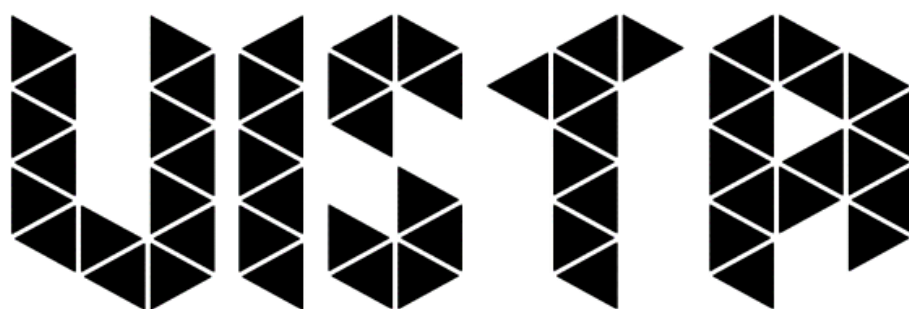




REVISTA
DE
**CULTURA
VISUAL**

e-ISSN 2184-1284

N.º 17 | 2026

Repensar a Produção de Conhecimento Sobre as Migrações Portuguesas Através da Articulação Entre Artes e Academia: O Festival “A Arte de Ser Migrante”

Rethinking Knowledge Production on Portuguese Migrations by Bridging Arts and Academia: The Festival “A Arte de Ser Migrante”

<https://doi.org/10.21814/vista.7091e026005>

Liliana Azevedo



Concetualização, curadoria dos dados, análise formal, aquisição de financiamento, investigação, metodologia, administração do projeto, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

Amandine Desille



Concetualização, curadoria dos dados, análise formal, aquisição de financiamento, investigação, metodologia, administração do projeto, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

Estelle Valente



Concetualização, visualização



© Autores

REPENSAR A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE AS MIGRAÇÕES PORTUGUESAS ATRAVÉS DA ARTICULAÇÃO ENTRE ARTES E ACADEMIA: O FESTIVAL “A ARTE DE SER MIGRANTE”

Liliana Azevedo

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal
Concetualização, curadoria dos dados, análise formal, aquisição de financiamento, investigação, metodologia, administração do projeto, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

Amandine Desille

Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território,
Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal
Concetualização, curadoria dos dados, análise formal, aquisição de financiamento, investigação, metodologia, administração do projeto, redação do rascunho original, redação – revisão e edição

Estelle Valente

Investigadora independente, Lisboa, Portugal
Concetualização, visualização

RESUMO

Durante muito tempo, a produção de conhecimento na Europa assentou em epistemologias que marginalizam o corpo. Os sentidos não visuais têm sido sistematicamente desvalorizados. Com base em trabalhos que colocam a sensorialidade e as emoções no centro dos estudos das migrações, este artigo sustenta que a atenção à experiência sensorial promove a reflexividade e permite renovar a compreensão dos processos macro, meso e micro que moldam a identidade e o sentimento de pertença. Da autoria de uma socióloga e de uma geógrafa com interesses comuns nas mobilidades intraeuropeias portuguesas e em metodologias criativas, e de uma fotógrafa, o artigo analisa um evento cultural de quatro dias, organizado em Lisboa em 2025, que reuniu artistas, académicos e profissionais dos média. O festival “A Arte de Ser Migrante” procurou ultrapassar os formatos académicos convencionais e prestar homenagem aos migrantes portugueses e aos seus descendentes, enquanto questionava as narrativas públicas sobre as migrações portuguesas. Através de debates, exibições de filmes, exposições, oficinas e atividades sensoriais envolvendo som, visão, tato, paladar e movimento, o evento reuniu um público heterogêneo e convidou os e as participantes a abordar a migração como uma experiência multissensorial e emocionalmente densa.

Com base neste terreno empírico, o artigo desenvolve três contributos: (a) uma reflexão sobre a visibilidade e invisibilidade das migrações portuguesas; (b) uma análise de eventos culturais participativos enquanto espaços de produção colaborativa e transdisciplinar de conhecimento; e (c) uma exploração das abordagens sensoriais e sensíveis enquanto ferramentas para revelar lacunas na investigação sobre as migrações portuguesas. Concluimos concetualizando o festival como um ato de resistência e, simultaneamente, como ponto de partida para um “ofício” epistémico em contínuo desenvolvimento — capaz de gerar novas colaborações e de abrir novas vias de produção de conhecimento a longo prazo.

PALAVRAS-CHAVE

migrações portuguesas, abordagem participativa, evento cultural, metodologia sensorial, memória

RETHINKING KNOWLEDGE PRODUCTION ON PORTUGUESE MIGRATIONS BY BRIDGING ARTS AND ACADEMIA: THE FESTIVAL “A ARTE DE SER MIGRANTE”

ABSTRACT

For a long time, knowledge production in Europe has relied on epistemologies that marginalise the body. In particular, non-visual senses have been overlooked. Building on a scholarship that foregrounds sensoriality and emotions in migration studies, this paper argues that attending to sensory experience fosters reflexivity and enables renewed understandings of the macro, meso and micro-processes shaping identity and belonging. Authored by a sociologist and a geographer with shared interests in Portuguese intra-European mobilities and creative methods, in collaboration with a photographer, the paper analyses a four-day cultural event they organised in Lisbon in 2025 that gathered artists, scholars and media professionals. The festival “A Arte de Ser Migrante” sought to step outside conventional academic formats and to pay tribute to Portuguese migrants and descendants while interrogating public narratives about Portuguese migrations. Through debates, film screenings, exhibitions, workshops, and sensorial activities involving sound, sight, touch, taste, and movement, the event assembled a heterogeneous audience and invited participants to engage with migration as a multisensory and emotionally textured experience.

Drawing on this empirical site, the paper develops three contributions: (a) a reflection on the visibility and invisibility of Portuguese migrations; (b) an examination of participatory cultural events as sites of collaborative and transdisciplinary knowledge production; and (c) an exploration of sensorial and sensitive approaches as tools for revealing blind spots of Portuguese migration research. We conclude by conceptualising the festival as both an act of resistance and a starting point for an ongoing epistemic “craft” that generates new collaborations and opens up new avenues of knowledge in the long term.

KEYWORDS

Portuguese migrations, participatory approach, cultural event, sensory methodology, memory

INTRODUÇÃO

A produção de conhecimento na Europa assenta, em grande medida, numa epistemologia não sensorial e não-sensível¹. O corpo enquanto instrumento de conhecimento, assim como as suas perceções e emoções, tem sido há muito marginalizado na academia (Deluermoz et al., 2023). Mesmo a mais recente “viragem visual” (Boehm & Mitchell, 2009) deixou de lado outros sentidos (Bal, 2003) e a sua interligação (Howes, 2021), bem como outras epistemologias dos sentidos não eurocêtricas (Low, 2023). Sustentamos que a sensorialidade é de grande relevância nos estudos sobre migração (Azevedo, 2025; Desille & Nikielska-Sekuła, 2023; Nikielska-Sekuła & Desille, 2025) e que o seu reconhecimento abre caminhos para compreensões renovadas das experiências migratórias, não apenas para revelar experiências micro e corporais, mas também para aceder a processos meso e macro de pertença, construção de fronteiras e

¹ Usamos o termo “sensorial” para nos referirmos ao papel do corpo e dos sentidos na produção de conhecimento e “sensível” para nos referirmos ao afeto, às emoções e à ética do cuidado.

exclusão (Desille & Nikielska-Sekuła, 2023; Nikielska-Sekuła & Desille, 2025). O papel das emoções tem também ganho maior reconhecimento na investigação sobre migração; por exemplo, tornou-se relevante compreender de que forma as emoções moldam as experiências migratórias e as conexões transnacionais (Wise & Velayutham, 2017). Argumentamos ainda que a reflexividade e a interseccionalidade são fundamentais para produzir um conhecimento profundo e significativo, que dê conta das “texturas do quotidiano” (Das, 2020).

As autoras deste artigo são duas cientistas sociais — uma socióloga e uma geógrafa — que se conheceram em 2018 e rapidamente constatarem interesses académicos comuns em múltiplas circulações associadas à migração portuguesa intraeuropeia, assim como em metodologias criativas, e uma fotógrafa, cujo arquivo visual do festival serviu de ponto de partida para este artigo. Após uma colaboração académica inicial, procurámos explorar novas vias de investigação sobre migração e envolver profissionais de outros setores, sobretudo das artes.

Foi neste contexto que começámos a conceitualizar um festival, que denominámos “A Arte de Ser Migrante” (<https://www.artedesermigrante.org>). O nosso objetivo era sair do espaço académico e prestar homenagem à diáspora portuguesa, refletindo simultaneamente sobre a riqueza e os desafios das múltiplas trajetórias migratórias de e para Portugal. O festival decorreu, em abril de 2025, em Lisboa, no espaço cultural Jardins do Bombarda, gerido pela associação comunitária local Largo Residências.

Concebemos o festival, com a duração de quatro dias, como um convite a um público heterogéneo — incluindo académicos, artistas e jornalistas, bem como o público em geral, migrantes e não migrantes, portugueses e não portugueses — para refletir sobre as formas de conhecimento que circulam na esfera pública acerca da migração e, em particular, das migrações portuguesas. O objetivo era destacar as fissuras existentes no conhecimento sedimentado e, através de um processo participativo que mobilizasse os sentidos e as emoções, o intelecto e o corpo, criar um novo espaço de produção de conhecimento — um mosaico coletivo que atravessasse as disciplinas e reunisse perspetivas émicas. Este processo possibilitou-nos a recolha de histórias fragmentadas de participantes do festival, que partilharam as suas experiências e narrativas de migração. Emergiram camadas de complexidade, entrelaçando diferentes contextos geográficos e períodos históricos, ligando o passado e o presente, o aqui e o alhures, e fazendo ecoar múltiplas formas de circulação.

As migrações portuguesas foram escolhidas como ponto de entrada e como pretexto para uma viagem epistémica mais ampla, cujo destino ainda desconhecemos, uma vez que o festival “A Arte de Ser Migrante” constitui, de facto, um “ofício” destinado a continuar, com novas réplicas atualmente em desenvolvimento.

A primeira parte do artigo centra-se no tema do festival: (a) migrações portuguesas e a sua visibilidade e invisibilidade. Em seguida, aprofundamos (b) o potencial dos eventos culturais participativos enquanto espaços de produção de conhecimento, bem como (c) uma perspetiva sensorial e sensível para revelar lacunas na investigação académica. A discussão (d) organiza-se em três subsecções: curadoria na intersecção entre

produção académica e criação artística; o festival como um ato de resistência; e o festival como ponto de chegada e de partida. O artigo termina com breves considerações finais.

MIGRAÇÕES PORTUGUESAS, ENTRE VISIBILIDADE E INVISIBILIDADE

A partir da década de 1960, a França tornou-se o principal destino de centenas de milhares de portugueses que fugiam da ditadura do Estado Novo, então envolvida nas chamadas “guerras coloniais”, por motivos económicos e/ou políticos (Pereira, 2009). Na década de 1970, o Luxemburgo e, na década de 1980, a Suíça, também se tornaram importantes países de destino (Beirão, 1999; Marques, 2008). Atualmente, os portugueses constituem a principal população estrangeira no Luxemburgo e a terceira em França e na Suíça (ou mesmo a primeira, se consideradas escalas regionais em vez de nacionais). Ainda assim, a sua presença passa frequentemente despercebida, em particular nos média e nas esferas sociocultural e política (Antunes da Cunha, 2013; Fibbi et al., 2010; Santos & Ferreira, 2024).

A mesma falta de atenção é também evidente no país de origem. A migração portuguesa foi ignorada nas comemorações do 50.º aniversário da Revolução dos Cravos, apesar da sua ligação significativa à história política e colonial de Portugal. Da mesma forma, os contributos e o impacto da diáspora portuguesa no desenvolvimento do país são frequentemente desvalorizados, contrastando com o papel positivo veiculado nos discursos oficiais: exemplos disso são as afirmações de que “os emigrantes portugueses são embaixadores de Portugal” (Agência Lusa, 2022) e de que “comunidades portuguesas no mundo são um dos mais importantes ativos estratégicos da política externa do Estado português” (Ministério dos Negócios Estrangeiros, s.d., para. 1; ver também Malheiros, 2011).

No entanto, existe uma perceção generalizada entre os portugueses residentes no estrangeiro de que o país revela pouco interesse pelas suas trajetórias. Artistas referem dificuldades em expor o seu trabalho em Portugal e manifestam sentir-se ignorados. Da mesma forma, alguns dias depois do fim do festival, uma participante, descendente de exilados portugueses, afirmou: “quando vínhamos de férias, não havia espaço para falarmos das nossas preocupações. A nossa família em Portugal não demonstrava interesse pelas nossas vidas. Apenas se importavam com as suas próprias preocupações” (comunicação pessoal, abril de 2025). Este testemunho ilustra o quão limitado é o espaço para que as pessoas migrantes e os seus descendentes expressem emoções como tristeza, perda, dor e sofrimento.

Apesar da necessidade deste tipo de diálogo, continuam a ser escassas as oportunidades para uma discussão aprofundada sobre a diversidade das experiências migratórias e as suas múltiplas consequências individuais e coletivas. Com demasiada frequência, a migração portuguesa é abordada de forma superficial e acrítica, ignorando as suas complexas camadas e as tensões subjacentes, levando muitas e muitos portugueses cujas vidas foram moldadas pela migração a sentirem-se negligenciados e sub-representados na esfera pública. No discurso público, a migração portuguesa para a Europa

é frequentemente representada de forma polarizada, o que simplifica e homogeneiza realidades complexas, obscurecendo a diversidade das experiências migratórias ao longo dos últimos 60 anos. Por um lado, a atenção incide sobre o exílio anterior à transição democrática, principalmente para França, e sobre a “velha emigração” de trabalhadores ditos “não qualificados” nas décadas de 1970 e 1980. De facto, durante muito tempo, a migração portuguesa era sobretudo tematizada no verão, quando migrantes e as suas famílias regressavam de férias. De forma geral, esta migração tornou-se visível no interior do país através das “casas de emigrantes”, dos automóveis trazidos nas férias, do sotaque francês e dos sons pimba das festas de emigrantes. Por outro lado, as narrativas públicas destacam a “nova emigração” de “jovens qualificados” que partiram em grande número na sequência da crise da dívida soberana.

Desde a década de 1990, Portugal tem sido amplamente retratado como um país de imigração, tanto no discurso político como nos meios de comunicação social, com a ideia de que teria deixado de ser um país de emigração (Malheiros, 2011). Contudo, a expressiva saída de população na sequência do programa de austeridade de 2011–2014 (o chamado “período da Troika”) expôs uma realidade persistente, embora negligenciada: a emigração nunca cessou, mas, até então, fora tornada invisível e silenciada nas narrativas dominantes. Estas representações enviesadas tiveram consequências concretas na produção de conhecimento. Foi dada prioridade ao financiamento de investigações sobre imigração, enquanto os estudos sobre a emigração portuguesa e comunidades da diáspora foram amplamente negligenciados. Esta assimetria reforçou lacunas epistémicas e moldou perceções públicas, dificultando uma compreensão matizada da migração portuguesa, das suas continuidades no longo prazo e das complexas circulações entre países de origem e de destino (Azevedo et al., 2022).

O encontro de quatro dias, que teve como objetivo partilhar perspetivas e experienciar a migração de múltiplas formas — ouvindo e vendo, mas também tocando, comendo, bebendo e dançando — veio colmatar esta lacuna. Uma parte submersa do icebergue tornou-se visível através de uma experiência multissensorial, que não só tornou visíveis vidas transnacionais, como também ampliou os seus sons, materialidades, odores, sabores e texturas, bem como as suas dimensões cinestésicas e os múltiplos deslocamentos e enraizamentos das pessoas, dos seus corpos sensoriais e dos objetos que as acompanham (Figura 1).



Figura 1. O baile

Créditos. Estelle Valente, 2025

Procurámos também alargar as fronteiras do campo académico e introduzir inovação metodológica na produção científica portuguesa, através da articulação de diferentes perspetivas. A nossa abordagem não é apenas interdisciplinar, mas também transversal, transnacional e transgeracional. Concebemos o evento como um espaço de “entrelaçamentos”, onde disciplinas, práticas e países pudessem cruzar-se. Constituiu, assim, um espaço de diálogo entre as artes visuais, a literatura, as artes criativas, os média e as ciências sociais (nomeadamente a antropologia, a história, a geografia, a sociologia e os estudos dos média). Artistas, jornalistas e académicos cujas vidas foram moldadas pela migração — em particular as migrações portuguesas — reuniram-se e trabalharam em conjunto em Lisboa durante vários dias. Vieram da França, Luxemburgo e Suíça, países de destino tradicionais na Europa, que continuam, até hoje, a receber um número significativo de migrantes portugueses. Esta geografia foi escolhida como um primeiro ponto de entrada para uma investigação mais ampla em curso, que poderá ser alargada a outros países e continentes no futuro.

EVENTOS CULTURAIS PARTICIPATIVOS COMO ESPAÇOS DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

O festival foi concebido como um espaço de produção de conhecimento onde pudessemos reunir diferentes perspetivas complementares e “escavar” sob a superfície das representações hegemónicas da migração portuguesa e da sua diáspora.

Partindo do nosso trabalho académico sobre migrações portuguesas e do nosso interesse por métodos criativos, como o vídeo, a fotografia e o desenho — nomeadamente a investigação pós-doutoral de Amandine Desille sobre migrantes que regressam ao nordeste de Portugal (principalmente provenientes de França) e a investigação de doutoramento de Liliana Azevedo sobre o regresso de migrantes portugueses envelhecidos e a mobilidade transnacional entre Portugal e a Suíça —, queríamos explorar, questionar, desconstruir narrativas estabelecidas e expor lacunas. Pretendíamos alcançar este objetivo de forma coletiva, com pessoas que têm produzido conhecimento sobre as migrações portuguesas na Europa em diversos formatos (livros, filmes, fotografias, artigos, notícias), mas que raramente tiveram oportunidade de interagir entre si.

Esta “convivência forçada” num espaço cultural aberto e de livre acesso, como os Jardins do Bombarda, revelou-se um exercício frutífero. Esta foi a segunda tentativa de Amandine Desille

de reunir atores fora da academia [e] convidar participantes de diferentes mundos sociais (considerando estes mundos sociais como porosos, ou seja, um artista poderia ser um ativista) para se envolverem, favorecendo especialmente comunicações de múltiplas vozes, possibilitando uma maior diversidade. (Bacon et al., 2021, p. 220)

A ideia subjacente era considerar a produção de conhecimento para além das paredes da universidade e dos eventos científicos tradicionais, onde o conhecimento é, geralmente, confrontado e debatido. De facto, estes eventos científicos são moldados por convenções: “quem participa, quem faz ouvir a sua voz, sobre que tema, como o conferencista apresenta, como a audiência reage (...) todos estes elementos constituem uma ‘cultura de troca’ (Badouard, Mabi, & Monnoyer-Smith, 2016) ou uma ‘cultura pública’ (Cefaï, 2007)” (Bacon et al., 2021, p. 218).

Não obstante, importa sublinhar que a criação de alternativas aos espaços autorizados de produção de conhecimento não conduz automaticamente à coprodução de conhecimento, podendo, eventualmente, reproduzir relações de poder e práticas extrativistas. Por isso, foi adotada uma metodologia participativa e sensorial.

Durante o festival, esperávamos que a autoridade do conhecimento fosse (re)negociada. Para tal, consideraram-se diferentes formatos de partilha de experiências, incluindo projeções, exposições e mostras de livros; mesas-redondas e conversas mais intimistas com artistas; e experiências mais imersivas, como oficinas criativas, nomeadamente de bordados, e a possibilidade de deixar um objeto pessoal na exposição colaborativa. Houve também momentos de convívio, como almoços e dança. Este ambiente multissensorial promoveu vários níveis de interação entre as pessoas convidadas, entre estas e o público, e entre o próprio público.

O público era extremamente heterogêneo, constituído por colegas e pessoas amigas, bem como por transeuntes curiosos, migrantes e ex-migrantes de diversas áreas geográficas, estudantes e pessoas reformadas. Este contexto permitiu-nos “nivelar” o valor atribuído às memórias, experiências e práticas destes diferentes grupos, criando

uma relação mais horizontal e procurando desmistificar a autoridade de historiadores e sociólogos. A diversidade de perspetivas, que valorizámos como conhecimento produzido coletivamente, permitiu-nos escapar ao “perigo de uma narrativa única” (Ngozi Adichie, 2009), acrescentando complexidade em termos de tempo, espaço e relações de classe, ao mesmo tempo que desafiava as representações normativas acerca das e dos portugueses residentes no estrangeiro. Este contexto participativo pode, em última instância, produzir mudança social, “tanto através da investigação enquanto espaço relacional e pedagógico, como através da coprodução de epistemologias que oferecem perspetivas originais” (Moralli, 2024, p. 13). Segundo Becker (1986) e o seu mosaico científico: “cada peça adicionada ao mosaico enriquece um pouco mais a compreensão do quadro geral” (p. 106).

RECOLHA DE DADOS E ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Como descrito anteriormente, o festival incluiu diversos espaços de encontro, como mesas-redondas e uma oficina de bordados. Antes de cada sessão, as organizadoras esclareceram os seus duplos papéis enquanto investigadoras e curadoras do festival, bem como a sua posicionalidade: Liliana Azevedo partilha uma trajetória migratória semelhante à de muitas das pessoas que foram convidadas a apresentar o seu trabalho, enquanto Amandine Desille é cidadã francesa a residir em Portugal. As sessões foram gravadas com o consentimento das e dos participantes, tendo sido reiteradamente anunciada a existência de registo fotográfico, permitindo que as pessoas se colocassem fora do enquadramento. Sons e imagens foram dissociados e armazenados em uma *drive*, protegida por palavra-passe, e excertos das transcrições foram partilhados após anonimização (incluindo neste artigo).

Da mesma forma, os objetos, as histórias, as notas, os desenhos, os bordados e outros artefactos recolhidos através da exposição colaborativa e das diversas oficinas participativas foram fisicamente recolhidos ou fotografados, sendo arquivados pelas autoras. As e os participantes foram informados de forma explícita sobre o contexto da sua produção e sobre o processo de “fabricao” do conhecimento que seguimos.

Algumas destas estratégias podem assemelhar-se a práticas académicas, isso deve-se ao facto de acreditarmos que a coprodução de conhecimento não isenta as e os investigadores da responsabilidade de criar conjuntos de dados dignos e éticos (Desille & Nikielska-Sekuła, 2025).

Por fim, as imagens apresentadas neste artigo resultam de uma atividade transversal do festival intitulada “Essas Imagens que Já Estavam em Mim”, realizada por Estelle Valente, fotógrafa nascida em França numa família portuguesa, a residir em Lisboa desde 2010. As fotografias produzidas foram editadas seguindo os princípios da “fabricação ética” (Al Shrbaji, 2025; Markham, 2012; Prieto-Blanco, 2021). Todas as fotografias foram apresentadas na sessão de encerramento do festival e receberam comentários positivos por parte das pessoas retratadas. Contudo, reiterámos o processo de consentimento para este artigo.

REVELANDO AS LACUNAS NA INVESTIGAÇÃO ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM SENSORIAL E SENSÍVEL

As formas hegemónicas de produção de conhecimento tendem a privilegiar apenas um número limitado de sentidos e caracterizam-se pela predominância visual e pela omissão das experiências corporizadas de quem investiga (Bal, 2003; Desille & Nikielska-Sekuła, 2023). Contudo, as e os académicos têm vindo a defender cada vez mais abordagens de investigação que ultrapassem esta hegemonia epistémica (Low, 2012), reconhecendo tanto a sensorialidade como as emoções como elementos centrais na forma como o conhecimento é produzido (Genova & Zontini, 2023), quer a partir da posição incorporada das e dos investigadores, quer a partir das experiências sensoriais das e dos participantes na investigação. Diversas “vinhetas” recolhidas durante o festival ilustram bem como o corpo, os sentidos, os afetos e as emoções permitiram que o conhecimento sobre as questões migratórias fosse simultaneamente recebido e produzido.

O bordado foi uma das várias atividades oferecidas no festival. Participantes e público foram convidados a escolher uma palavra associada à migração e a bordá-la. Este exercício foi muitas vezes realizado em pequenos grupos: à medida que os dedos guiavam lentamente a agulha através do tecido, as línguas soltavam-se e as pessoas começavam a partilhar experiências migratórias, próprias ou das suas famílias. Ligando gestos a palavras e o corpo ao intelecto, as peças bordadas foram posteriormente penduradas numa árvore, formando uma exposição temporária de palavras(-chave) que revelavam subjetividades e experiências pessoais (Figura 2 e Figura 3). Evoluindo ao longo do festival, esta instalação coletiva foi muito mais do que uma simples compilação de palavras; revelou uma geografia política da migração.



Figura 2. Geografia política das migrações e instalação coletiva

Créditos. Estelle Valente, 2025



Figura 3. O silêncio em torno das migrações portuguesas

Créditos. Estelle Valente, 2025

Presas a uma árvore, no local onde decorriam as atividades ao ar livre do festival, as palavras “silêncio”, “casa”, “voar”, “mosaico”, “amor”, “mala”, “migrar” e “diversidade” destacavam-se em nítido contraste com a invisibilidade e a ausência social e política que muitos portugueses e portuguesas sentem quotidianamente nos países de destino, enraizada em persistentes estereótipos de classe e de origem étnica (Santos & Ferreira, 2024).

O tema do silenciamento foi recorrente em muitos debates e revelou-se um fio condutor transversal ligando várias das obras apresentadas. Desde o primeiro dia que se tornou evidente que o evento oferecia uma plataforma singular para quebrar o silêncio em torno das múltiplas experiências da migração portuguesa — experiências que as e os participantes viveram ou herdaram, e que continuam a reverberar ao longo do tempo e do espaço. As segundas e as terceiras gerações de migrantes têm vindo gradualmente a desvendar o passado e a “repará-lo” através da criação artística. Os traumas ocultos e os tabus intergeracionais em torno da migração portuguesa estiveram notoriamente presentes em livros e documentários que foram exibidos e discutidos no festival (Figura 4 e Figura 5). A ilustradora Madeleine Pereira criou a banda desenhada *Borboleta* com base na relutância do pai em partilhar a sua história. Para o efeito, entrevistou amigos e familiares, explorou arquivos visuais e, por fim, viajou até Portugal para descobrir os tabus e traumas associados à viagem do seu pai e de outros homens e mulheres da sua geração. A jornalista e escritora Charlotte Frossard expressa igualmente a “necessidade imperiosa de refazer o caminho do exílio; de recuar no tempo e refazer o caminho percorrido pela minha família ao longo de uma ditadura muito longa” ao referir-se ao seu livro *Sur le Pont* (Sobre a Ponte; editado por Encre Fraiche, 2022), uma homenagem aos seus avós, exilados na Suíça.



Figura 4. *Processo relacional, multiescalar e espaço-temporal*

Créditos. Estelle Valente, 2025

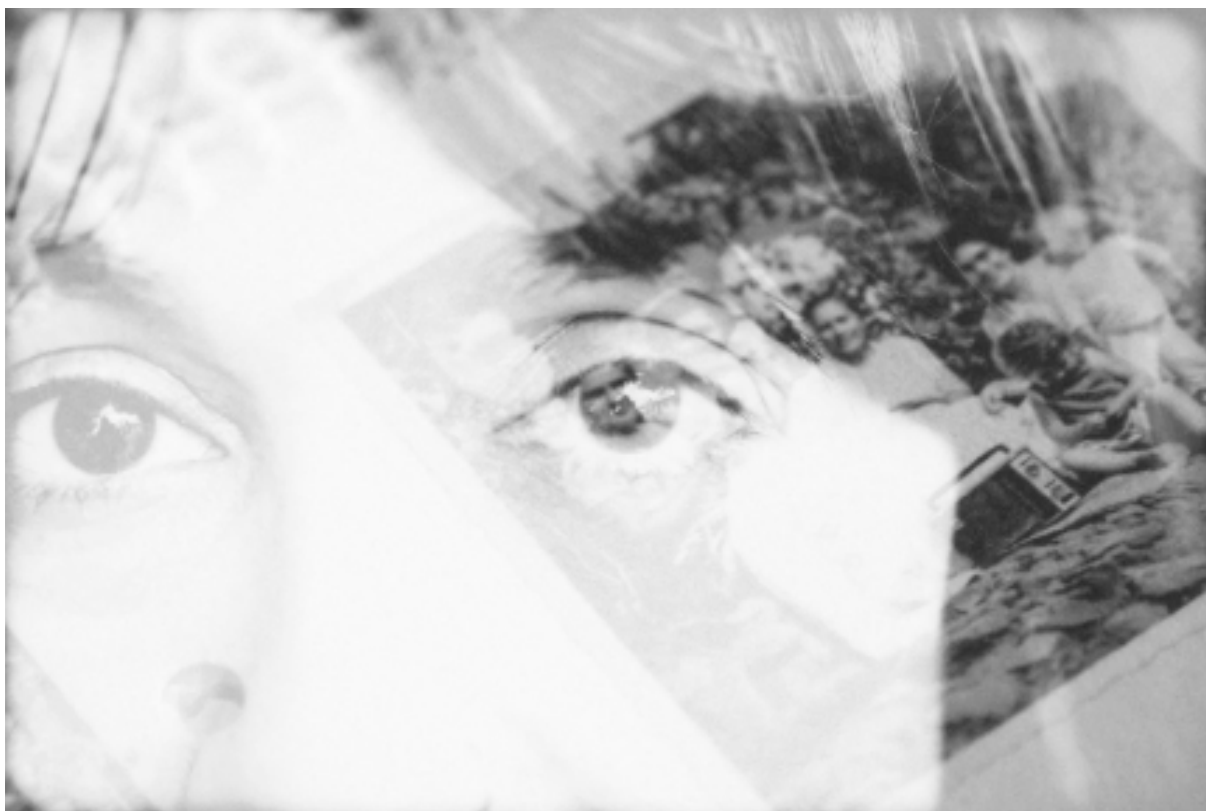


Figura 5. *Entre-lugares, nem daqui, nem dali*

Créditos. Estelle Valente, 2025

Entre os testemunhos recolhidos junto dos participantes no último dia do festival (6 de abril de 2025) e registados num caderno, encontrámos: “[este festival] tira-me de um sentimento de solidão e leva-me a conhecer outras trajetórias que, por vezes, não são tão diferentes. Obrigado por ajudar a reparar algumas injustiças”, “quanto vos sou grata por terem conseguido reunir todas estas pessoas maravilhosas que caminham na mesma direção”, e “não imaginam quanto eu ansiei por este festival”.

O evento tinha, acima de tudo, como objetivo criar condições para abrir o debate em torno de tabus que persistem tanto na sociedade como no seio das famílias — permanece muito por dizer entre os membros migrantes e não migrantes de uma mesma família, bem como entre pais migrantes e os seus descendentes. Esta foi também uma das razões pelas quais escolhemos organizar este evento num local central de Lisboa: para conferir à temática da migração portuguesa a centralidade que lhe é devida numa sociedade estruturalmente moldada por padrões duradouros de emigração, regresso e múltiplas circulações.

A frustração e a irritação das e dos participantes em relação a certas questões ligadas à invisibilidade da migração portuguesa, bem como a alegria decorrente do convívio social e do sentimento de reconhecimento, permitiram um ato político de reparação para os indivíduos de origem portuguesa que vivem ou viveram no estrangeiro. O festival “A Arte de Ser Migrante” foi também uma experiência profundamente emocional para a maioria das e dos participantes, de múltiplas formas: em primeiro lugar, devido às numerosas convergências entre os diversos testemunhos, independentemente da geografia e da temporalidade das suas trajetórias pessoais e familiares — o evento “derrubou fronteiras”, escreveu um participante. Em segundo lugar, devido à “dimensão humana”, à empatia que emergiu e aos laços criados através dos “encontros diários [que] têm um efeito verdadeiramente terapêutico”. O efeito catártico manifestou-se tanto a nível individual como coletivo. O festival representou uma “*heterotopia* (à la Foucault) de cura e criação — de cocriação e cura” (comunicação pessoal, 6 de abril de 2025), escreveu, no livro de visitas do festival, uma investigadora de 40 anos, nascida em contexto migratório e criada em Portugal, atualmente a trabalhar na área da migração no Luxemburgo.

Ao longo do evento, as e os participantes mobilizaram os seus corpos e múltiplos sentidos, indo para além da “clássica abordagem de observação/audição” (Mata-Codesal, 2023, p. 229). Desde o primeiro dia, as perceções sensoriais dominantes deram lugar a outros sentidos. Inesperadamente, a chuva obrigou-nos a repensar a disposição espacial do festival. A mesa-redonda e a feira do livro, que tínhamos planeado realizar ao ar livre, foram transferidas para um espaço interior, que se tornou, naquele dia, o epicentro do nosso arquipélago migratório. Mais de 40 pessoas e quatro bancas de livros encheram a pequena sala para discutir a história da migração portuguesa na Europa sob perspetivas históricas e literárias. Ao cair da noite, a chuva intensificou-se, acrescentando uma nova camada sonora ao documentário de Christophe Fonseca sobre memórias do bairro de lata português em Champigny-sur-Marne, no norte de Paris, nos anos 1960, aumentando a intensidade emocional que se fazia sentir na sala.

O envolvimento das e dos participantes estendeu-se para além da esfera intelectual, abrangendo também dimensões sensoriais e emocionais. O bordado, a dança e a partilha

de refeições ativaram registos sensoriais largamente desvalorizados na investigação sobre migrações. Estas atividades funcionaram também como catalisadores de mais conversas e possibilitaram a criação de memórias afetivas, contribuindo assim para a cocriação de um sentido de comunidade. A duração do festival constituiu outro elemento crucial para permitir a criação de laços entre pessoas desconhecidas, permitindo-lhes descobrir afinidades partilhadas — tanto nas suas experiências vividas como nas abordagens teórico-práticas — independentemente da idade ou da proveniência geográfica.

Entre os testemunhos recolhidos junto das e dos participantes no último dia do festival (6 de abril de 2025) e registados num caderno, encontrámos: “senti-me parte de uma comunidade partilhada de vivências e de emoções. Tocou-me profundamente. Ao fim de tantos anos desta procura de um lugar, uma casa, raízes, algo com que me identificar (...) aqui senti”, “obrigada por permitir que cada um de nós encontrasse, durante o festival — e talvez depois dele? — uma ressonância com a nossa busca de origem e pertença”.

O baile realizado na terceira noite atraiu um público diversificado, de diferentes idades e origens, incluindo participantes do festival e visitantes ocasionais (ver Figura 1). O DJ, nascido em Bissau e atualmente a viver em Lisboa, cujo repertório musical difere significativamente da música popular portuguesa, conseguiu recriar a atmosfera típica das festas de aldeia que ocorrem quando as e os migrantes regressam para visitar as suas famílias no verão. As pessoas mais tímidas permaneciam, copo na mão, balançando o corpo ao som da música junto à pista de dança improvisada no centro do jardim. Outras dançavam sozinhas ou em grupo, imersas em memórias da juventude e da infância ao som de canções populares clássicas como “Meu Querido Mês de Agosto”, de Dino Meira, e “Um Português”, de Linda de Suza. Esta paisagem sonora emblemática das migrações do passado era evocada também pelos discos de vinil e cassetes de música das décadas de 1980 e 1990 expostos na sala contígua, gentilmente cedidos por antigos migrantes na Suíça.

A exposição colaborativa de objetos abordou a migração a partir de uma outra perspectiva estética. As e os participantes foram convidados a trazer objetos pessoais, chamando a atenção para a dimensão sensorial da vida quotidiana de migrantes e seus descendentes. Entre os objetos escolhidos para serem partilhados incluíam-se, por exemplo, uma guitarra, cassetes para aprender francês, livros, recortes de jornais, entre outros (Figura 6). Foram igualmente partilhados contratos de trabalho e fotografias de família, algumas ainda nas molduras originais, conferindo a estas representações visuais “espessura” e tridimensionalidade (Edwards, 2012). Este dispositivo participativo revelou a microescala da migração, destacando as experiências subjetivas das pessoas migrantes e seus descendentes. Serviu também de catalisador de memórias e funcionou como um mecanismo de triangulação, ao colocar em diálogo as fontes expostas com os testemunhos de visitantes-participantes.



Figura 6. Um contra-arquivo efêmero das migrações portuguesas

Créditos. Estelle Valente, 2025

Esta exposição participativa sobre a materialidade da migração — em permanente construção ao longo do festival — ofereceu uma visão aprofundada sobre narrativas pessoais de migração, ao mesmo tempo que transmitia a dimensão coletiva da migração. Para que isso fosse possível, preparámos o suporte necessário para que os indivíduos pudessem participar e disponibilizámos diversos formatos²: uma linha cronológica numa parede, com fragmentos históricos incompletos, convidava as e os visitantes a contribuírem; uma moldura intitulada “Conta-me Como Foi”, acompanhada de *post-its*, funcionava como repositório de histórias de chegada e de partida; prateleiras, ganchos e cordas estendidas com sacos transparentes vazios permitiam depositar objetos. A sala dedicada à exposição colaborativa tornou-se um contra-arquivo efêmero das migrações portuguesas. É interessante notar que, nos meses que se seguiram ao festival, duas instituições académicas de Lisboa inauguraram exposições semelhantes: uma delas intitulada *Asian Lives in Europe — A Visual Journey* (Vidas Asiáticas na Europa — Uma Viagem Visual), associada ao projeto ASPIRE (<https://asianlivesineurope.iscte-iul.pt>) e coproduzida com participantes do projeto, que articula fotografias, diários em vídeo, objetos e memórias pessoais; a outra, intitulada *Movimentos: Revolução, Circulação, Fronteiras*, organizada pelo Hub de Migrações do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (s.d.), propunha “imersão os visitantes numa paisagem sensorial composta por imagens, palavras, sons e

² Agradecemos a Vinciane Demeure pela sua colaboração na produção da exposição e na adaptação do espaço cedido para o efeito.

objetos, envolvendo-os na exploração do país enquanto espaço de trânsito, permanência e distinção social, marcado por fronteiras multifacetadas” (para. 1).

Esta abordagem ressoa profundamente com os debates atuais em torno das considerações éticas nos estudos sobre migrações. Com o dispositivo participativo e sensorial que privilegiámos, aproximamo-nos da promessa de descentralizar a produção de conhecimento e acolher modos polifónicos (Desille et al., 2025) e pluriversais (Desille & Nikielska-Sekuła, 2025) de fazer ciência, bem como uma “ética-estética da representação” (como proposta por Al Shrbaji, 2025). Neste sentido, a micropolítica do festival estende-se desde uma política de presença das e dos migrantes portugueses e seus descendentes até a um ato de resistência face à neoliberalização da academia (Figura 7).



Figura 7. *A poética da polifonia*
Créditos. Estelle Valente, 2025

DISCUSSÃO

CURADORIA NA INTERSEÇÃO DA PRODUÇÃO ACADÉMICA E DA CRIAÇÃO ARTÍSTICA

“Quatro dias para ver, ouvir e debater as migrações portuguesas” foi o lema deste evento, que tinha como objetivo explorar a parte submersa do icebergue e sensibilizar o público para a diversidade de experiências que têm origem na migração de e para Portugal (Figura 8). A nossa premissa era que reunir diferentes perspetivas artísticas e científicas conduziria a uma compreensão mais plural e matizada.



Figura 8. *As múltiplas camadas da vida das pessoas migrantes*

Créditos. Estelle Valente, 2025

O trabalho curatorial envolveu a realização de uma investigação extensa e a recolha de dezenas de títulos de livros, música, filmes, artigos académicos e outros materiais à escala transnacional. A articulação entre artistas e académicos cujas obras abordam questões relacionadas com a migração portuguesa foi um elemento determinante. Além disso, procurámos evidenciar as conexões entre estas questões e as dinâmicas migratórias mais recentes em Portugal. Por exemplo, a série fotográfica de Pedro Rodrigues sobre trabalhadoras e trabalhadores portugueses em hotéis na localidade suíça de Zermatt suscitou uma conversa sobre as condições laborais de trabalhadores migrantes na indústria do turismo portuguesa na atualidade. O filme de Christophe Fonseca sobre o bairro autoconstruído de Champigny permitiu traçar paralelos com as práticas habitacionais de migrantes africanos na área metropolitana de Lisboa. O filme de Melanie Pereira explora debates contemporâneos sobre construção do lar, identidade e pertença através do diálogo entre a figura mítica Melusina e quatro mulheres luxemburguesas com origens migratórias.

A prática curatorial subjacente a este festival foi orientada pelo esforço de reconfigurar ecologias de perceção e ética de cuidado. Sabíamos que fomentar a ligação e a compreensão mútua era essencial, por isso esforçámo-nos ao máximo por estabelecer relações próximas e respeitadas com as pessoas convidadas, a maioria das quais não conhecíamos previamente. Desde o festival têm ocorrido encontros — tanto online como presenciais —, enquanto continuamos a promover esta “comunidade de prática” transdisciplinar.

O FESTIVAL COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA

Ao mobilizar abordagens sensíveis e sensoriais, o festival procurou cultivar empatia entre migrantes, seus descendentes e o público em geral. Neste sentido, o festival funcionou como uma forma de resistência às lógicas neoliberais da academia, pautadas pelo *publish-or-perish* (publicar ou morrer), propondo, em vez disso, um modo de produção de conhecimento mais lento, relacional e incorporado (ver Desille et al., 2025).

Concebido como um *patchwork* que ganha forma ao longo do tempo, o festival seguiu um ritmo próprio — alinhado com os princípios de *slow science* (ciência lenta) que defendemos — emergindo no próprio local e prolongando-se além do evento de abril, através de encontros e conversas subsequentes. Por fim, este processo culminará num catálogo online composto por textos, fotografias, ilustrações, sons e música: uma colagem coletiva que materializa o compromisso do festival com a autoria partilhada e com uma compreensão sensorial e ética da migração. Esta abordagem contribui para contrariar políticas que instrumentalizam a diáspora e práticas que marginalizam as suas vozes e criações.

O festival proporcionou um espaço para a produção de discursos contra-hegemónicos, a apresentação de representações alternativas e a construção de memórias coletivas polifónicas da migração portuguesa. Estas memórias estiveram inseridas num mosaico de línguas (português, francês, alemão, luxemburguês e inglês), de imagens a preto e branco e a cores, e de objetos tangíveis, todos incorporados num diálogo interdisciplinar, intergeracional e transnacional.

Ao congregar múltiplos esforços individuais para romper o silêncio, surgiu um forte sentimento coletivo de pertença, contribuindo para que descendentes — para quem tem sido difícil sentir-se parte de um país que os considera “emigrantes” ausentes — possam encontrar o seu lugar em Portugal.

O festival procurou ativamente desafiar as relações de poder existentes: entre diferentes tipos de conhecimento, entre disciplinas académicas, e entre narrativas de migrantes e de não migrantes (Figura 9).



Figura 9. *Pluralidade de perspectivas*

Créditos. Estelle Valente, 2025

O FESTIVAL COMO PONTO DE CHEGADA E DE PARTIDA

O festival foi concebido como um processo dinâmico que se prolongaria para além do próprio evento. A primeira fase destinou-se a apresentar obras artísticas e académicas sobre questões relacionadas com as migrações. Por seu lado, a segunda fase foi concebida como um processo contínuo de coprodução de conhecimento. Enquanto que a terceira fase procurou estabelecer ligações que pudessem dar origem a novos projetos e colaborações.

Um desses projetos foi iniciado por Estelle Valente, que foi desafiada a pensar visualmente sobre temas que tivessem ressonância com o seu próprio percurso migratório. Como resultado, criou retratos texturados que refletem as múltiplas camadas de indivíduos com raízes na migração portuguesa e incorporam imagens de arquivo ou simbólicas que possuem um significado especial para cada pessoa. As suas fotografias funcionam como uma camada sensível adicional de significado dentro do texto.

Este trabalho visibiliza o entrelaçamento de narrativas pessoais e relações intergeracionais. A abordagem sensível de Valente permitiu-lhe estabelecer uma ligação próxima com cada pessoa. Ao envolvê-las em conversas sobre as suas histórias pessoais, conseguiu captar o seu “eu interior”. Posteriormente, sobrepôs esse retrato com imagens associadas à história migratória (familiar) de cada participante.

Esta sobreposição visual numa única fotografia revela memórias coletivas transmitidas por sujeitos individuais e combina dimensões estéticas, poéticas e afetivas. A abordagem explora o intervalo entre o explícito e o implícito (Figura 10).



Figura 10. *Iluminando os ângulos mortos*

Créditos. Estelle Valente, 2025

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo destaca as dimensões sensíveis de um festival situado na interseção entre a ciência e as artes, contribuindo simultaneamente para a literatura sobre abordagens sensoriais nos estudos migratórios.

Realizado num espaço cultural de referência da capital portuguesa, o evento reuniu um público heterogéneo — incluindo migrantes, não migrantes e familiares de participantes — e abordou o tema das migrações a partir de diversas perspetivas temporais e geográficas, bem como através de múltiplos formatos, tais como debates, projeções de filmes documentários, exposições, oficinas e apresentações de livros. Ao longo de quatro dias, o encontro convidou as e os participantes a experienciar a migração sensorialmente — ouvindo e observando, claro, mas também tocando, comendo, bebendo e dançando — expandindo assim os modos convencionais de participação nos debates públicos sobre migração. Os sentidos foram concebidos como modos de conhecimento.

O festival apresentou obras artísticas e académicas de migrantes portugueses e seus descendentes, abordando o exílio político, a migração económica para a Europa, as identidades fragmentadas, a transmissão cultural intergeracional, a complexidade afetiva do sentimento de pertença e as ligações transnacionais. Para além de apresentar múltiplas obras sobre migrações portuguesas, o evento fomentou um diálogo interdisciplinar, intergeracional e transnacional, possibilitando a produção colaborativa de

conhecimento sobre migração e promovendo a construção de uma comunidade para além das fronteiras. Outra contribuição consistiu na criação de condições para o debate estruturado e participativo, representando um passo significativo em direção a processos de reconciliação e reparação. Como comentou no livro de visitas do festival um participante — um homem francês na casa dos 30 anos, filho de pai português, que se mudou para Lisboa para explorar as suas origens: “não imaginam quanto eu ansiei por este festival” (comunicação pessoal, 6 de abril de 2025).

O artigo explorou as dimensões culturais, políticas, epistemológicas e estéticas de um festival que combinou diversas formas de expressão e percepção. Foram sublinhadas as camadas intrincadas e as tensões subjacentes entre a presença e a ausência de migrantes e descendentes, tanto nos países de destino como em Portugal. Ao combinar sensorialidade e sensibilidade, conseguimos ampliar a nossa compreensão da migração portuguesa, embora reconheçamos que ainda existem lacunas que devem ser abordadas. Em particular, o conceito de “pós-colonialidade” relativamente à migração portuguesa na Europa exige uma análise aprofundada — tema que Tavares e Vieira (2023) designam como “migrantes lusófonos num ‘terceiro espaço’”. De forma geral, a investigação sobre migração portuguesa permanece cega em relação à dimensão racial e ainda demasiado centrada na branquitude. Por isso, a adoção de uma perspetiva interseccional é crucial na investigação sobre migração portuguesa. Como argumentámos anteriormente (Azevedo, 2024), quem investiga migrações deve adotar uma postura reflexiva, de modo a desafiar as lacunas existente e fazer avançar o campo de estudo.

Pós-Edição de Tradução Automática: Anabela Delgado

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas que participaram no festival pelo seu extraordinário empenho ao longo do evento (ordem alfabética): Ana Cristina Pereira, Ana Estevens, Charlotte Frossard, Christophe Fonseca, DJ oPaidolino, Eduardo Ascensão, Heidi Rodrigues Martins, Jorge Pinto, Kitty Baracsi, Linda Garcia Madeleine Pereira, Manuel Antunes de Cunha, Melanie Pereira, Mariana Scalabrin, Pedro Rodrigues, Rita Cachado, Rosa Azevedo, São Gonçalves, Sónia Ferreira, Vincent Barros, Victor Pereira, Virginie Janelas, Yvette Santos.

Agradecemos também às instituições públicas e privadas que tornaram este evento possível através do seu apoio financeiro e logístico: Largo Residências; Jardins do Bombarda; Embaixada da Suíça; Casa do Grão-Ducado do Luxemburgo em Lisboa; CEG - Centro de Estudos Geográficos; CDMH - Centre de Documentation des Migrations Humaines; Observatório da Emigração; LeYa; Oxalá Editora; Bibliotecas de Lisboa; Calçada, S.A.; Poli Paul; Pentagon. O nosso agradecimento estende-se a outros parceiros relevantes: CIES-Iscte, Association Cap Magellan, Institut Français Portugal, Imprensa de Ciências Sociais, Nouvelle Librairie Française, Alma Letra, Bom Dia, a todas e todos os voluntários, bem como aos revisores anónimos pelo seu contributo. À data da redação deste artigo, Amandine Desille era beneficiária do financiamento FCT CEEC#2022.05914.CEECIND.

REFERÊNCIAS

- Agência Lusa. (2022, 29 de outubro). Emigrantes portugueses são embaixadores de Portugal na Suíça. *Diário de Notícias*. <https://www.dnoticias.pt/2022/10/29/334086-emigrantes-portugueses-sao-embaixadores-de-portugal-na-suica/>
- Al Shrbaji, S. (2025). *A fictional representation in the geo-architecture of Syrian student migrations to Portugal: Traces and chronotopes of (e)scape paths amidst the Mediterranean from 2014 to 2018* [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. RepositóriUM. <https://hdl.handle.net/1822/97537>
- Antunes da Cunha, M. (2013). La quasi-invisibilité des Portugais à la télévision: De la clandestinité à l'intégration. *Exils et Migrations Ibériques aux XXe et XXIe Siècles*, (5), 174–192. <https://doi.org/10.3917/emi.005.0174>
- Azevedo, L. (2024). Grey zones and blind spots: Reflections on knowledge production in Portuguese migration studies. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 11(2), Artigo eo24013. <https://doi.org/10.21814/rlec.5814>
- Azevedo, L. (2025). The sensory memory of the researcher: Retrospective and critical reflections on the role of the senses in migration research. *Ethnic and Racial Studies*. Publicação antecipada online. <https://doi.org/10.1080/01419870.2025.2562655>
- Azevedo, L., Desille, A., & Pinho, F. (2022). Migração de regresso para Portugal: Revisitar o passado, compreender o presente. *Cidades, Comunidades e Territórios*, (44), iii–x. <https://doi.org/10.15847/cct.27207>
- Bacon, L., Desille, A., & Paté, N. (2021). Crafting an event, an event on craft. Working together to represent migration experiences. In K. Nikielska-Sekuła & A. Desille (Eds.), *Visual methodology in migration studies: New possibilities, theoretical implications, and ethical questions* (pp. 217–236). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-030-67608-7_12
- Bal, M. (2003). Visual essentialism and the object of visual culture. *Journal of Visual Culture*, 2(1), 5–32. <https://doi.org/10.1177/147041290300200101>
- Becker, H. (1986). Biographie et mosaïque scientifique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, (62–63), 105–110. <https://doi.org/10.3406/arss.1986.2323>
- Beirão, D. (1999). *Les Portugais du Luxembourg. Des familles racontent leur vie*. L'Harmattan.
- Boehm, G., & Mitchell, W. J. T. (2009). Pictorial versus iconic turn: Two letters. *Culture, Theory and Critique*, 50(2–3), 103–121. <https://doi.org/10.1080/14735780903240075>
- Das, V. (2020). *Textures of the ordinary: Doing anthropology after Wittgenstein*. Fordham University Press.
- Deluermoz, Q., Dodman, T., Kunth, A., Mazurel, H., & Vidal-Naquet, C. (2023). Sur les traces du sensible: Pour une histoire anthropologique des sensibilités. *L'Homme*, (247–248), 225–266. <https://doi.org/10.4000/lhomme.47844>
- Desille, A., Azevedo, L., Estevens, A., Larrabure, S., & McGarrigle, J. (2025). Collaborative filmmaking as a conveyor of (migrant) women's embodied experiences in Portuguese academia. *Ethnic and Racial Studies*. Publicação antecipada online. <https://doi.org/10.1080/01419870.2025.2562636>
- Desille, A., & Nikielska-Sekuła, K. (2023). Multisensory approaches in migration research: Reflections and pathways. *Visual Studies*, 39(4), 666–683. <https://doi.org/10.1080/1472586X.2023.2234874>
- Desille, A., & Nikielska-Sekuła, K. (2025). Dignity as a method. Pluriversal dignity approaches in place-based visual research on migration and its implications for governance. *Ethnicities*, 26(2), 233–250. <https://doi.org/10.1177/14687968251364352>
- Edwards, E. (2012). Objects of affect: Photography beyond the image. *Annual Review of Anthropology*, 41(1), 221–234. <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145708>

- Fibbi, R., Bolzman, C., Fernandez, A., Gomensoro, A., Kaya, B., Maire, C., Merçay, C., Pecoraro, M., & Wanner, P. (2010). *Les Portugais en Suisse*. Office Fédéral des Migrations.
- Genova, E., & Zontini, E. (2023). Researching the researcher: Producing emotionally-sensed knowledge in migration research. *Ethnic and Racial Studies*, 48(8), 1499–1522. <https://doi.org/10.1080/01419870.2023.2263084>
- Howes, D. (Ed.). (2021). *Empire of the senses: The sensual culture reader*. Routledge.
- Low, K. E. Y. (2012). The social life of the senses: Charting directions. *Sociology Compass*, 6(3), 271–282. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2011.00451.x>
- Low, K. E. Y. (2023). *Sensory anthropology: Culture and experience in Asia*. Cambridge University Press.
- Malheiros, J. (2011). Portugal 2010: The return of the country of emigration? *Janus.net*, 2(1), 127–136. <http://hdl.handle.net/11144/504>
- Markham, A. (2012). Fabrication as ethical practice: Qualitative inquiry in ambiguous internet contexts. *Information, Communication & Society*, 15(3), 334–353. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2011.641993>
- Marques, J. C. (2008). *Os portugueses na Suíça. Migrantes europeus*. Imprensa de Ciências Sociais.
- Mata-Codesal, D. (2023). Feeling at home: Migrant homemaking through the senses. In P. Boccagni (Ed.), *Handbook on home and migration* (pp. 228–238). Edward Elgar Publishing.
- Ministério dos Negócios Estrangeiros. (s.d.). *Comunidades portuguesas*. Retirado a 10 de dezembro de 2025, de <https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/politica-externa/comunidades-portuguesas>
- Moralli, M. (2024). Arts-based methods in migration research. A methodological analysis on participatory visual methods and their transformative potentials and limits in studying human mobility. *International Journal of Qualitative Methods*, 23, 1–19. <https://doi.org/10.1177/16094069241254008>
- Ngozi Adichie, C. (2009). *The danger of a single story*. James Clear. <https://jamesclear.com/great-speeches/the-danger-of-a-single-story-by-chimamanda-ngozi-adichie>
- Nikielska-Sekuła, K., & Desille, A. (2025). Multisensory approaches in migration studies. *Ethnic and Racial Studies*. Publicação antecipada online. <https://doi.org/10.1080/01419870.2025.2562628>
- Pereira, V. (2009). Ineficiência, fragilização e duplicidade. O velho Estado Novo perante a emigração para França (1960-1968). *Ler História*, (56), 45–68. <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1944>
- Prieto-Blanco, P. (2021). Afterword: Visual research in migration. (In)visibilities, participation, discourses. In K. Nikielska-Sekuła & A. Desille (Eds.), *Visual methodology in migration studies: New possibilities, theoretical implications, and ethical questions* (pp. 327–343). Springer.
- Santos, I. dos, & Ferreira, S. (2024). *Les Portugais en France: Une immigration invisible?* Editions Le Cavalier Bleu.
- Tavares, B., & Vieira, A. (2023). Lived experiences of coloniality in third space. From colonial to contemporary lusophone migration into Luxembourg. *Language, Culture and Society*, 5(1), 121–155. <https://doi.org/10.1075/lcs.00038.tav>
- Universidade de Lisboa. (s.d.). *Movimentos: Revolução, circulação, fronteiras*. Retirado a 10 de dezembro de 2025, de <https://www.museus.ulisboa.pt/movimentos-revolucao-circulacao-fronteiras>
- Wise, A., & Velayutham, S. (2017). Transnational affect and emotion in migration research. *International Journal of Sociology*, 47(2), 116–130. <https://doi.org/10.1080/00207659.2017.1300468>

NOTAS BIOGRÁFICAS

Liliana Azevedo é socióloga e investigadora no Centro de Investigação e Estudos em Sociologia do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. É também investigadora associada do Observatório da Emigração em Portugal. A sua investigação centra-se na migração de regresso, envelhecimento, famílias transnacionais, relações intergeracionais, género, percurso de vida, cultura material e *homemaking*, bem como em métodos biográficos e visuais. Os seus trabalhos estão publicados em várias revistas científicas, incluindo *Ethnic and Racial Studies*.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8172-9279>

Email: liliana.azevedo@iscte-iul.pt

Morada: Avenida das Forças Armadas n.º 40, 1649-026 Lisboa

Amandine Desille é geógrafa e investigadora no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. A sua investigação centra-se na migração internacional, governação local, produção de lugares e metodologias visuais e multissensoriais. Tem publicado os seus trabalhos em várias revistas científicas, incluindo *Political Geography*, *Governance* e *Territory, Politics, Governance*. Coorganizou o livro *Visual Methodology in Migration: New Possibilities, Theoretical Implications, and Ethical Questions* (Metodologia Visual na Migração: Novas Possibilidades, Implicações Teóricas e Questões Éticas; Springer, 2021), distinguido pela rede europeia International Migration Research Network. Produziu ainda três filmes etnográficos.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1813-8521>

Email: amandine.desille@edu.ulisboa.pt

Morada: Rua Branca Edmée Marques, Edifício IGOT, Cidade Universitária, 1600-276 Lisboa, Portugal

Estelle Valente é fotógrafa, nascida em Paris, cidade com a qual mantém uma profunda ligação. Adotou Lisboa, de cujo sol diz não prescindir, há uns 15 anos. Em 2012, começou a fotografar a fadista Gisela João, que, ainda hoje, acompanha. Entre 2015 e 2024, colaborou com o Teatro Municipal São Luiz (Lisboa), fotografando espetáculos e criando imagens para as suas campanhas de comunicação. Realizou a sua primeira exposição individual, *Carla no Papel* (2018), em Setúbal, onde a atriz Carla Maciel encarna grandes divas do cinema do século passado. Realizou uma residência artística no Espace Cardin em Paris e, por ocasião do 20.º aniversário do Prémio Nobel de José Saramago, foi convidada por Anabela Mota Ribeiro a ilustrar *Por Saramago*. Colabora, desde 2019, com a revista *GQ*, para a qual faz retratos de personalidades ligadas à cultura. Foi docente na Academia Gerador durante quatro anos.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3359-9665>

Email: estellevalente@gmail.com

Submetido: 31/12/2025 | Revisto: 26/02/2026 | Aceite: 23/03/2026



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.